

O GLOSSÁRIO MALAIO DO CAVALEIRO PIGAFETTA

LUÍS FILIPE F. R. THOMAZ

Universidade Nova de Lisboa / Universidade Católica Portuguesa

RESUMO: Dos numerosos textos que relatam a primeira volta ao mundo é, de facto, o de Antonio Pigafetta o mais completo, rigoroso e fidedigno. Entre as suas peculiaridades conta-se a de incluir pequenos glossários de quatro diferentes línguas de povos com que os viajantes toparam: um, de oito vocábulos apenas, dos índios brasileiros da região de Guanabara; outro, um pouco mais desenvolvido, dos «gigantes patagões» vizinhos do Estreito de Magalhães; um terceiro da língua austronésica dos nativos da Cebu, nas atuais Filipinas; e, finalmente, um extenso glossário de 426 termos do malaio, usado em toda a Insulíndia como língua veicular e de comércio. Desenvolve-se aqui a notação pormenorizada deste glossário malaio.

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Pigafetta; primeira volta ao mundo; literatura de viagens renascentista; glossário malaio; século XVI.

THE MALAYSIAN GLOSSARY BY THE KNIGHT PIGAFETTA

ABSTRACT: Of the many texts that narrate the first circumvention of the globe, it is, in fact, Antonio Pigafetta's that is the most complete, rigorous, and reliable. Among its peculiarities is the inclusion of small glossaries for four different languages from tribes the travellers met. One is comprised of only eight words, from indigenous people of Brazil in the region of Guanabara; another, somewhat more developed, is from the "Patagonian Giants", neighbouring the Strait of Magellan; the third is an Austronesian language of the natives of Cebu, in what is now the Philippines; and, finally, there is an extensive glossary of 426 Malay terms used throughout Insulindia, or present-day South-East Asea, as a *lingua franca* or trading language. The following is a detailed notation for the Malayan glossary.

KEYWORDS: Antonio Pigafetta; first circumvention of the globe; Renaissance travel writing; Malayan glossary; 16th century.

À memória de Paramita Abdurrachman, saudosa amiga que a morte ceifou, a quem fico devendo muito do que sei sobre Maluco.

Embora o primeiro relato da circum-navegação do Globo por Fernão de Magalhães e Sebastião Delcano a ser dado à estampa, logo em 1522, seja a *Epístola*

la de Maximiliano Transilvano, secretário de Carlos V, ao cardeal arcebispo de Salisburgo, o mais célebre de todos eles é, e a justo título, o do patricio vicentino e cavaleiro hospitalário Antonio Pigafetta, publicado em tradução francesa abreviada entre 1526 e 1536, e depois retrovertido em italiano. O texto original andou perdido muito tempo, até ser em 1797 descoberto na Biblioteca Ambrosiana de Milão e finalmente publicado.

Dos numerosos textos que relatam a primeira volta ao mundo é, de facto, o de Pigafetta o mais completo, rigoroso e fidedigno. Entre as suas peculiaridades conta-se a de incluir pequenos glossários de quatro diferentes línguas de povos com que os viajantes toparam: um, de oito vocábulos apenas, dos *popoli del Verzin*, ou seja, dos índios brasileiros da região de Guanabara; outro, um pouco mais desenvolvido, dos «gigantes patagões» vizinhos do Estreito de Magalhães; um terceiro da língua austronésica dos nativos da Cebu, nas atuais Filipinas; e, finalmente, um extenso glossário de 426 termos do idioma em que os moiros comunicavam em Maluco e regiões vizinhas, que não é como se poderia imaginar, uma das línguas papuas faladas no arquipélago, mas o malaio, usado em toda a Insulíndia como língua veicular e de comércio.

Na falta de documentos escritos torna-se impossível determinar quando começou a língua malaia a ser empregue em Maluco: é provável que o seu uso remonte à hegemonia marítima do reino malaio de Seri Wijaya, Śrī Vijaya ou Çrī Vijaya, no sueste de Samatra, entre os séculos VII e XI; mas também pode ser que só se tenha definitivamente firmado como língua veicular na época da hegemonia do sultanado de Malaca, no século XV, sendo assim a sua difusão concomitante da do islão.¹ Há algum tempo foi descoberta junto à Laguna de Bay, perto de Manila, nas Filipinas, uma inscrição em malaio antigo, datada de 900 A. D. (Postma 1992).² Por outro lado um recente estudo dos empréstimos vocabulares malaios no tagalo, língua falada na zona central de Lução (Ade-laar, 1994), veio demonstrar que esses vocábulos foram importados numa época muito antiga, pois preservam — nomeadamente os de origem sanscítica —

¹ Hoje, a maioria dos habitantes da área de Maluco Setentrional (*Maluku Utara*) entende o ternatês, que funciona assim como língua veicular ao lado do malaio (Andili 1978-1979); tal uso está atestado desde c. 1570, mas é de supor que derive da hegemonia política de Ternate, que não remonta senão a finais do século XV.

² Pode ver-se o texto da inscrição, com tradução em inglês e notas históricas em Munoz (2006). Agradeço ao meu velho amigo e colega Pierre-Yves Manguin ter-me chamado a atenção quer para esta obra quer para a seguinte.

traços fonéticos arcaizantes, que desapareceram do malaio moderno. Estes factos vêm provar que o malaio foi utilizado como língua de comércio na Insulândia oriental desde o período de Seri Wijaya e corroboram a tese de que terá sido nessa época que foi introduzido em Maluco; sem embargo de aí não terem por ora sido achados testemunhos escritos do seu uso anteriores às cartas do sultão de Ternate Abu Hayat a El-rei de Portugal, que doutra feita publicámos (Thomaz 2003). Como o dialeto malaio falado na ilha de Bachão não é idêntico ao malaio usado como língua veicular nas outras ilhas, pode admitir-se que representem duas camadas diferentes, remontando aquele ao período de Seri Wijaya, e este ao da hegemonia de Malaca. É impossível determiná-lo ao certo, pois não se acharam até hoje em Maluco inscrições no silabário de origem indiana usado em Seri Wijaya nem em nenhuma das escritas afins. Quanto à escrita *jawi* (alfabeto árabe adaptado à fonética do malaio), não há dúvidas de que foi trazida de Malaca e se difundiu com o islão em finais do século xv.

Para a difusão do malaio como língua-franca da região muito deve ter contribuído a extrema fragmentação linguística do pequeno arquipélago, onde — entre as ilhas de Ternate, Tidore, Motir, Maquiém, Bachão e Halmaheira, as que no século xvi eram já designadas por *Maluco* — se falam pelo menos 26 idiomas distintos, pertencendo 7 à família austronésica e classificando-se os outros 19 como papuas (Cribb 2000: 34). O recurso a um idioma veicular era uma necessidade. É apenas desde 1999 que a região de Maluco *lato sensu* forma duas províncias da República Indonésia: Maluku Utara ou Maluco Setentrional, que engloba as ilhas acima nomeadas, e Maluku *tout court*, que compreende as de Buro, Ceirão e Amboino, e todas as demais que jazem entre Celebes, Timor e a Nova Guiné. Foram, por conseguinte, ainda computadas como uma única província no censo de 1990, que mostrou ser uma das zonas do país onde o malaio é mais falado: mais de 80% da população total. Profundo é o contraste com o que se passa, por exemplo, em Java Central, onde a língua local, o jau ou javanês, conserva os seus direitos, e o malaio (oficialmente designado por *bahasa indonesia*, «língua indonésia») era ainda em 1990 fluentemente falado por menos de metade da população (Cribb 2000: 37).³

³ Além de Maluco (*Maluku*) as únicas províncias em que a percentagem de indivíduos fluentes em malaio excedia os 80% eram as de Celebes Norte (*Sulawesi Utara*), a de Riau em Samatra, berço do malaio, e a de Samatra Oeste (*Sumatera Barat*), correspondente à região de Menancabo ou Minangkabau, contígua à precedente, onde se fala o menancabo, língua que *grosso modo* está para o malaio como o português para o castelhano.

Não é de estranhar, portanto, que a amostra lingüística recolhida pelo cavaleiro Pigafetta em Tidor corresponda ao malaio. Pigafetta era dotado não só de uma grande curiosidade como de um excelente ouvido, de modo que as suas transcrições são de uma maneira geral facilmente identificáveis, embora aqui e além ocorram por vezes pequenas distorções semânticas. Há que notar contudo que, embora inserido no relato de Pigafetta na parte referente a Maluco, parte dos vocábulos que constam do seu glossário devem ter sido recolhidos em Brunei, onde já depois da morte de Magalhães o que restava da frota fez escala, como o demonstram alguns rasgos dialetais característicos. Outros traços dialetais apontam para Java e devem corresponder a vocábulos fornecidos por tripulantes dos navios, quiçá oriundos da região. O mesmo se diga de alguns vocábulos tagalos que aparecem misturados aos malaios. Pode concluir-se desta heterogeneidade dialetal que o informador principal do cavaleiro Pigafetta não foi Henrique, o escravo malaio de Magalhães, que era oriundo de Samatra, que aliás desapareceu nas Filipinas, logo após a morte de seu amo em Mactán a 27 de Abril de 1521. O glossário deve ter sido compilado nos meses subsequentes, durante a visita do que restava da frota a Brunei e a Maluco.

Note-se que o glossário malaio de Pigafetta não é o mais antigo que até nós chegou, pois houve no século xv um autor anónimo ou, talvez mais provavelmente, vários que coligiram em Malaca uma lista de 482 termos chineses com seus equivalentes em malaio, aproximadamente transcritos em caracteres chineses na pronúncia mandarina (Edwards e Blagden 1931).⁴

O uso de coligir *ad hoc* pequenos glossários dos termos mais usuais em cada língua não é propriamente uma inovação do nosso autor, já que se observa uma vintena de anos mais cedo nos apensos ao *Diário* da primeira viagem de Vasco da Gama, onde sob o título «esta é a linguagem de Calecut» se inclui uma lista de uns 180 vocábulos em malabar ou malaiala, a língua dravídica falada em todo o Quêrala.⁵

⁴ As palavras chinesas que mencionamos no presente artigo vão transcritas segundo o sistema de Wade-Gilles, o mais fonético, embora acompanhadas, sempre que possível, dos caracteres respetivos. A transcrição representa a pronúncia mandarina; apenas daremos a pronúncia cantonesa nos casos em que esta transcreva mais fielmente os termos malaios correspondentes.

⁵ Devido à paronímia entre *malaio* e *malaiala*, que é meramente ocasional, tem, contudo, sido apresentado por alguns autores mais zelosos da modernização e popularização de terminologia que utilizam como «vocabulário malaio», o que é, evidentemente, um erro

Não se conhece, contudo, nenhum glossário malaio-português ou português-malaio anterior aos dois que em finais do século XVIII, a instâncias do Dr. António Ribeiro dos Santos, primeiro diretor da Real Biblioteca Pública da Corte (1796-1816), antecessora da atual Biblioteca Nacional, coligiu Elias José do Valle, tripulante de um navio de comércio que fazia a linha Macau-Malaca (Lonbard e Thomaz 1981).⁶ Tal lacuna não é de estranhar: a maioria dos antigos dicionários de línguas asiáticas que, manuscritos ou impressos, existem nas nossas bibliotecas devem-se aos jesuítas e estes raramente se dedicavam a tentar — pois em regra era em vão — converter muçulmanos, como era o caso dos malaios. É verdade que a Sagrada Congregação de *Propaganda Fide* veio a imprimir em 1631 na sua tipografia em Roma um *Dictionarium malaico-latinum et latino-malaicum cum aliis quam plurimis quae quarta pagina edocebit*, compilado por David Haex; há que notar, no entanto, que o livro se não destinava necessariamente aos potenciais apóstolos dos malaios, uma vez que o malaio se usava como língua veicular em todo o Arquipélago, onde havia muitas populações pagãs.

Seja como for, após o glossário de Pigafetta, o vocabulário malaio mais antigo que se conhece é o de Frederick de Houtman, irmão e companheiro de Cornelis de Houtman na primeira viagem holandesa ao Oriente (1595-97), que inclui igualmente um guia de conversação (Lonbard, Arifin e Wibisono 1970). Por sumárias que em geral sejam, as obras deste tipo são importantes elementos para se traçar a história da língua; o que, no caso do malaio, está quase inteiramente por fazer.

Estes glossários são por outro lado interessantes para a história do quotidiano e para a das mentalidades, pois permitem-nos entrever a multiplicidade de escopos com que foram compilados. Pela importância que muitos, a despeito do seu caráter elementar, atribuem ao vocabulário referente ao sexo, deixam-se adivinhar objetivos muito diversos, quer do comércio, quer da missão...⁷

crasso, já que não há entre um e outro idioma (autronésio ou malaio-polinésico um, dravídico o outro) qualquer parentesco ou semelhança.

⁶ Aparentemente o glossário malaio-português não estava ainda então catalogado, pelo que nos passou despercebido; reportámo-nos por conseguinte apenas ao recíproco, português-malaio.

⁷ Assim no glossário malabar que acompanha o *Diário* da viagem de Vasco da Gama, onde uma mão púdica posterior se dedicou a raiar os termos que, *grosso modo* a partir da

Pigafetta não é exceção, embora seja mais discreto e mais sucinto no apresentar das cousas: não só apenas inclui três vocábulos respeitantes ao sexo, como lhes alude assaz obliquamente: por *membro* designa o pênis (o que apenas resulta claro do correspondente malaio, que permite identificar qual é o «membro» em questão), por *natura delle donne* a vagina, e por *usare con esse*, «usar delas» (*scilicet*, «delle donne») o comércio carnal.

O seu glossário foi estudado já por diversos autores; ater-nos-emos sobretudo ao estudo feito pelo saudoso erudito e poliglota italiano Alessandro Bausani (1960),⁸ de longe o mais completo e mais exato. Para comodidade do leitor reduzimo-lo a um quadro, em que os elementos dados por Pigafetta vão sobre fundo sombreado e sobre fundo branco os intercalados por nós; estes resumem-se à tradução portuguesa de cada vocábulo italiano⁹ e à transcrição do termo malaio correspondente na *éjaan baru*, «nova ortografia», adotada em 1972 por acordo ortográfico entre os quatro países em que o malaio é língua oficial: Indonésia, Malásia, Brunei e Cingapura.¹⁰ Nesse sistema apenas há a notar o seguinte:

- o *c* nota uma africada palatal surda correspondente ao *ch* transmontano ou castelhano (=tx);
- o dígrafo *ng* indica uma nasal velar semelhante às que ocorrem no vocábulo inglês *singing*;

Contra-Reforma, começaram a ser tidos por grosseiros — sem contudo impedir que, sob o traço, se possam ainda ler «caralho» (de **caraculum*, «pauzinho, varinha», diminutivo do termo grego *χάρᾱξ*, «estaca, empa, esteio») e «colhões» (do baixo latim *coleonem*, derivado de *coleus*, «biscalho, saco de coiro») e, com cuidado e atenção, talvez ainda outros vocábulos congêneres. Quanto a «cona» (do latim *connum*, com o mesmo sentido, já considerado grosseiro e por isso só atestado em *graffiti* e textos satíricos, passado ao género feminino em português, mas não nas demais línguas românicas, por associação lógica ao sexo feminino), aparece, ao lado dos dois mesmíssimos termos acima mencionados, no glossário malaio de Elias José do Vale (cuja ordem é apenas aproximadamente alfabética) logo ao começo da letra C.

⁸ Agradeço à minha colega e velha amiga Claudine Salmon ter-me facultado cópia deste artigo, aparecido numa época em que andava ainda longe destas lides.

⁹ Há que notar que Pigafetta não escreve em toscano ou italiano literário, mas numa mescla de toscano, véneto e castelhano; certas formas dialectais apenas se tornam compreensíveis através do seu significado malaio.

¹⁰ Na realidade, embora com pequenas variações dialectais, de amplitude comparável às que separam o português do Brasil do de Portugal, trata-se de uma só língua, ainda que na Indonésia seja designada por *bahasa indonesia*, na Malásia por *bahasa malaysia* e nos outros dois países por *bahasa melayu*, a designação tradicional.

- a sequência ‘nasal velar + oclusiva gutural’, idêntica à que ocorre em português em *banco* ou em *manga*, é notada por *ngk* e *ngg*;
- a nasal palatal correspondente ao fonema notado por *nh* em português, é notada por *ny*;
- os fonemas árabes خ (*kh* ou *h*, que soa como a *jota castelhana*) e ش (*sh* ou *š*, que soa como *x* em galego ou português), na pronúncia corrente muitas vezes reduzidos aos fonemas malaios mais próximos, *k* e *s*, são respectivamente notados por *kh* e *sy*;
- embora não faça parte da grafia oficial, apenas se utilizando em livros didáticos e dicionários, assinalámos a distinção entre o *e pepet* (*e* mudo, aproximadamente idêntico ao que soa em português em *de* ou *que*) e o *é* aberto, que marcámos com acento gráfico. Pigafetta nota regularmente o primeiro por *-a-*, o que hoje corresponde sobretudo à pronúncia banjar, *i. e.*, das cidades malaias do sul de Bornéu.

Há que notar que o manuscrito de Pigafetta reencontrado em 1797 é apógrafo, tendo o manuscrito autógrafo sido por ele entregue a Carlos V mas tendo desaparecido em seguida; é por tal motivo que na transcrição dos termos malaios há muitas aparentes discrepâncias que na realidade são meros erros de copista, nomeadamente muitas confusões entre *n* e *u*, entre *nu* e *mi*, etc. Com base no glossário italiano-malaio (não traduzido em francês) da antiga versão francesa do texto de Pigafetta, de que existem três manuscritos e uma edição impressa (entre 1526 e 1536), é possível corrigir, como faz Bausani, a quem seguimos, alguns dos erros de copista do manuscrito da Biblioteca Ambrosiana de Milão. Já a transcrição de numerosos *rr* por *ll* parece antes corresponder a uma pronúncia dialetal, comum a diversos falares das Filipinas, Celebes, e certas zonas de Maluco. Marcámos com um *A* os empréstimos árabes, com um *S* os termos de origem sanscítica, com um *T* os de origem tâmul e com um *P* os de origem persa. Os problemas levantados por alguns termos (sobretudo divergências entre o sentido do vocábulo italiano e do correspondente termo malaio dado por Pigafetta) são discutidos em nota.

Além do estudo de Bausani, que resolve a maior parte das dificuldades, servimo-nos dos seguintes dicionários:

- R. J. Wilkinson (1944), *A Malay-English Dictionary (Romanised)*, Tokyo, Daitōa Syuppan Kabusiki Kaisya, ano XVIII da era Shōwa [reimp.];
- Dr. Teuku Iskandar (1970), *Kamus Dewan di-susun oleh...*, Kuala Lumpur, Dewan Bahasa dan Pustaka Kementerian Pelajaran;

- *Kamus Besar Bahasa Indonesia* (2002), Jakarta, Pusat Bahasa, Department Pendidikan Nasional [3ª edição];
- Pierre Larousse (1984), *Indonesien Français – Dictionnaire General*, Paris, Association Archipel;
- Luigi Santa Maria; Maria Citro (1998), *Dizionario Indonesiano-Italiano*, Roma, Is.I.A.O.;
- Haji Abdul Rahman bin Yusop (1977), *Bahasa Malaysia-English / English-Bahasa Malaysia*, Londres; Glasgow, Collins;
- Giacomo Devoto; Gian Carlo Oli (1980), *Dizionario della Lingua Italiana*, Florença, Dizionari Le Monnier;
- Farida Soermargono; Winarsih Arifin (1991), *Dictionnaire Français Indonésien – Kamus Perancis-Indonesia*, Paris, Association Archipel;
- Darrell T. Tryon (dir.) (1995), *Comparative Austronesian Dictionary: an introduction to Austronesian studies*, Berlín; Nova York, Moton de Gruyter, 5 vols.;
- V. Arnaud, H. Campagnolo, et al. (1997), *Lexique thématique plurilingue de trente-six langues et dialectes d'Asie du Sud-Est Insulaire*, Paris; Montréal, L'Harmattan, 2 vols.;
- Elinor Clark Horne (1974), *Javanese-English Dictionary*, Yale, Yale University Press;
- P. J. Zoetmulder (1982), *Old Javanese-English Dictionary*, Leida, KITLV, 2 vols.;
- Carl R. Galvez Rubino (2005), *Tagalog-English / English-Tagalog (Pilipino) Dictionary*, Nova York, Hippocrene Books;
- Manuel Patrício Mendes (1935), *Dicionário Tétum-Português*, Macau, Tipografia Mercantil de N. T. Fernandes & Filhos Ltda;
- Luís Costa (2000), *Dicionário de Tétum-Português*, Lisboa, Edições Colibri; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- Manuel Maria Alves da Silva (1905), *Diccionario Portuguez-Galoli*, Macau, Typographia Mercantil.

Para a identificação botânica das plantas mencionadas servimo-nos especialmente de:

- D. J. Mabberley (1997), *The Plant-Book. A portable dictionary of the vascular plants*, Cambridge, Cambridge University Press;
- I. H. Burkill (1935), *A dictionary of the Economic Products of the Malay Peninsula*, Londres, Governments of the Straits Settlements and Federated Malay States by the Crown Agents for the Colonies, 2 vols.;
- <http://www.catalogueoflife.org/> (31/11/2018, atualizado mensalmente)

Quanto ao texto de Pigafetta, utilizámos as seguintes edições:

- Xavier de Castro; Jocelyne Hamon; Luís Filipe Thomaz (eds.) (2007), *Le Voyage de Magellan (1519-1522). La relation d'Antonio Pigafetta et autres témoignages*, Paris, Chandeigne, 2 vols., (sem os glossários);
- Antonio Pigafetta (1944), *La storia del primo viaggio intorno al mondo*, Angelo Ginocchietti (ed.), Roma, Editoriale Romana;
- Lagôa, Visconde de (1938), *Fernão de Magalhães (A sua vida e a sua viagem)*, Lisboa, Seara Nova, 2 vols.

À semelhança dos vocabulários árabes medievais, dos antigos léxicos sanscríticos (como o célebre *Amarakoṣa* de Amarasimha (1839-1845), que data quiçá do século iv) e do léxico chinês-malaio citado acima, os glossários de Pigafetta não estão ordenados por ordem alfabética, mas, embora apenas *grosso modo*, por ordem lógica: partes do corpo, vegetais, animais, numerais, etc.

VOCABOLI DE QUESTI POPOLI MORI					
Vocábulo destes povos mouros					
<i>n</i> ^o	Termo italiano	Tradução portuguesa	Termo malaio dado por Pigafetta	Termo malaio em éjaan baru	Nota
1	Al suo Yddio	o seu Deus	Allà	Allah (A)	¹¹
2	Al christiano	cristão	naceran	nasrani, serani (A)	¹²
3	Al turco	turco	rumío	rumi (A)	¹³
4	Al moro musulman	muçulmano	isilam	[orang] islam (A)	
5	Al gentile	gentio	caphre	kafir, kapir (A)	

¹¹ *Allâh* é, evidentemente um empréstimo árabe; em malaio pode dizer-se também *Tuhan*, lit. «Senhor». *Hyang*, o antigo termo para «divindade», apenas se usa hoje para os deuses hindus ou pagãos. Sobre os empréstimos vocabulares árabes em malaio pode ver-se (Beg 1977). É interessante notar que já no *Glossário chinês-malaio* do século xv acima referido, 安刺 *An-la* é dado como equivalente ao chinês 天 *T'ien*, «Céu», considerado na China o Ente Supremo.

¹² Lit. «nazareno»; na forma *sarani* o termo passou ao tétum com o mesmo sentido, de onde a expressão verbal *halo sarani*, «fazer cristão» usada normalmente em Timor para significar «bätizar».

¹³ Em árabe *rûmî* significa etimologicamente «romano» e daí «cristão» (uma vez que à época da conquista árabe o Império Romano estava já praticamente todo cristianizado); no

6	Al sue meschite	mesquita	mischit	masjid (A)	14
7	A li sui preti	os seus sacerdotes	maulana catip mudin	maulana, khatib, modin (A)	15
8	A li omini sapienti	homens sabedores	horan pandita	orang pendéta (S)	16
9	A li homini sui devoti	os seus homens devotos	mossai	?	17
10	A le sue cerimonie	as suas cerimónias	zambahehan de alà meschit	sembahyang di masjid Allah	18
11	Al padre	pai	bapa	bapak	
12	A la madre	mãe	mama ambui	mama, ibu	
13	Al figliolo	filho	anach	anak	
14	Al fratello	irmão	sandala	saudara (S)	19

Próximo Oriente usa-se ainda hoje para designar os melquitas ou cristãos ortodoxos, de rito bizantino. Contudo, desde que em 1071 os turcos seldjúcidas, após a vitória de Mantzikert sobre o imperador bizantino Romão IV, começaram a penetrar no território outrora romano (onde fundaram o sultanado dito «de Rum», *i. e., de Roma, embora tivesse a capital em Konya ou Icônio, no leste da Anatólia*) o termo começou a usar-se para designar tanto os turcos como os povos sujeitos ao seu império.

¹⁴ A forma *mischit* tem aparência de ser um empréstimo português; embora o étimo seja o mesmo, o árabe *masjid* (nome locativo da $\sqrt{\text{sajada}}$, «prostrar-se, adorar»), as formas portuguesa, castelhana e italiana antiga têm todo o aspeto de ter sido usurpadas ao antigo árabe numa época em que o ç se pronunciava ainda *g* (como ainda hoje no Egito) e não *j* (*dj*). Já a passagem de *g* a *qu* (=k) e de *d* a *t*, parece mostrar que o termo passou ao mundo cristão através do arménio (*vide* Corominas e Pascual 1987-1991, s. v. «mezquita»).

¹⁵ *Mawlâna* significa literalmente em árabe «nosso mestre»; *khaḥib* é o que faz a *khuṭba* ou sermão de sexta-feira na mesquita; *modin* representa a pronúncia malaia do termo árabe *mu'adhdhin*, «almuadém, muezim, pregoeiro de mesquita».

¹⁶ A forma dada por Pigafetta está mais próxima do étimo sânscrito (*paṇḍita*, «instruído», participio passado da $\sqrt{\text{paṇḍ}}$ «coligir, acumular») do que a forma modernamente em uso; sobre os empréstimos sanscíticos em malaio, *vide* Gonda (1998).

¹⁷ Bausani põe duas hipóteses: ou corruptela do árabe *mashâ'ikh*, «xeques, anciãos, devotos» ou do árabe *muçallî*, «orantes, que cumprem o preceito da oração (*çalâh*)».

¹⁸ Bausani interpreta como *sembahyang di dalam masjid*, «orar dentro da mesquita»; mas, dada a influência do substrato lingüístico papua no malaio de Maluco, a inversão determinante-determinado (neste caso *Allah masjid* em vez de *masjid Allah*) é muito possível e ocorre bastas vezes por exemplo nas cartas de Abu Hayat a El-Rei de Portugal.

¹⁹ O étimo sanscítico significa literalmente «co-uterino», «do mesmo (*sa-*) útero (*udara*)»; mas em malaio o termo usa-se hoje em diversos sentidos que vão de «irmã(o)» a «camarada», passando por «primo, parente»; pode mesmo usar-se como substituto do pronome pessoal da segunda pessoa (*kamu, engkau*) no sentido de «você». Como Pigafetta nota

15	Al fratele de questo	o irmão deste	capatin muiadi	?	20
16	Al germano	primo	saudala sopopu	saudara sepupu	
17	Al avo	avô	niny	nénék	
18	Al socero	sogro	minthua	mentua	
19	Al genero	genro	minanthu	menantu	
20	Al homo	homem	horan	orang	21
21	A la femina	mulher	poran-poan	perempuan	
22	A li capili	cabelo	lambut	rambut	
23	Al capo	cabeça	capala	kepala (S)	22
24	Al fronte	fronte, testa	dai	dahi	
25	Al ochio	olho	matta	mata	
26	A le ciglie	pestanas	quilai	kilai	23
27	A le palpebre	pálpebras	cenin	kening	24
28	Al nazo	nariz	idon	hidung	
29	A la boca	boca	mulut	mulut	
30	A li labri	lábios	bebere	bibir	
31	A li denti	dentes	gigi	gigi	
32	A le gengive	gengivas	issi	gusi? isit?	25
33	A la lingua	língua	lada	lidah	
34	Al palato	palato, céu da boca	langit	langit	26

mais abaixo, *saudara sepupu* significa «primo em primeiro grau»; «primo em segundo grau» diz-se *saudara duapupu* e assim por diante.

²⁰ Bausani interpreta *kapatid mo jari*, «este é o teu irmão» em tagalo, o que é fonética e mesmo historicamente possível, conquanto, como notámos já, a expedição de Magalhães não tenha passado em Lução, onde se *fala o tagalo*.

²¹ *Orang* significa «pessoa» ou «homem *lato sensu*»; homem no sentido de «varão» diz-se *laki-laki* ou *lelaki*.

²² Ao lado do empréstimo sanscítico *kepala* existe em malaio um termo vernáculo, *hulu* (cf. tétum *ulun*, tagalo *ûlo*, sundanês *hulu*). O *Glossário Chinês-Malaio dá* 巴刺 *pa-la*, que corresponde a *kepala*.

²³ Os dicionários registam este termo mas na acepção de «bobine, anel para enrolar um fio»; segundo Bausani *kilai* existe em diversos idiomas das Filipinas, mas significa «sobrancelhas» (Tryon 1995, 04.412). O termo usual para «pestanas» é *bulu mata*.

²⁴ *Kening* na realidade significa «sobrancelhas»; o termo usual para «pálpebras» é *ke-lopak mata*.

²⁵ *Gusi* é o termo mais comum, mas *isit* é o termo usado em *betawi* («dialecto de Batávia», i. e. de Jacarta).

²⁶ *Langit* significa propriamente «céu»; «céu da boca» diz-se normalmente *langit-langit* ou *langit-langit mulut*.

35	Al mento	queixo	aghai	ajai	27
36	A la barba	barba	ianghut	janggut	
37	A li mostaqui	bigode	missai	misai	
38	A la macella	maxila	pipi	pipi	28
39	A le orechie	orelhas	talingha	telinga	
40	A la golla	garganta	laher	léhér	
41	Al colo	pescoço	tundun	tundun	29
42	A le spale	espáduas	balachan	belakang	30
43	Al peto	peito	dada	dada	
44	Al core	coração	atti	hati	31
45	A la mamela	mama, seio	sussu	susu	32
46	Al stomacho	estômago	parut	perut	
47	Al corpo	corpo	tundunbutu	tundun butuh (?)	33
48	Al membro	membro [viril]	botto	butuh	
49	A la natura de le donne	natureza das mulheres [vagina]	bucchi	puki	
50	Al uzare com loro	servir-se delas	amput	amput	
51	A le nalghe	nádegas	buri	buri, burit	34
52	A le coscie	coxas	paha	paha	
53	A la gamba	pernas	mina	mina (?)	
54	Al schinquo de la gamba	canela da perna	tula	tulang	35

²⁷ Wilkinson registra *ajai* como termo para «queixo» no dialeto de Brunei; o termo corrente é *dagu*.

²⁸ *Pipi* não significa exatamente «maxila» (it. *mascela*), mas «bochecha».

²⁹ Os dicionários registram o termo *tundun* mas com o sentido de «monte público», *mons-veneris*.

³⁰ *Belakang* significa propriamente «dorso, costas»; as espáduas chamam-se *bahu* (do termo sanscítico que significa «braço») ou *pundak*.

³¹ *Hati* designa o coração como sede das emoções ou em sentido figurado; em sentido anatómico «coração» é *jantung* e *hati* designa o «fígado»; no *Glossário Chinês-Malaio* 詞 ya (cant. a) 肝ti é dado como equivalente a «fígado».

³² *Susu* significa também «leite».

³³ *Tundun* é o termo n.º 41 e *butuh* o n.º 48, do que viria o composto a significar «colo do pénis, monte público masculino»; mas é possível que *butuh* seja uma metátese por *tubuh*, que de facto significa «corpo».

³⁴ *Buri* é termo dialectal, usado em Java; *burit*, «traseiro», é de uso mais geral.

³⁵ Em italiano literário *stinco della gamba*; quanto a *tulang*, significa «osso» em geral; a tíbia ou canela da perna é normalmente dita *tulang kering*, lit. «osso seco».

55	A la sua polpa	barriga da perna	tilorehai	telur kaki	36
56	A la cavechia del pie	tornoselo	buculali	buku lali	
57	Al calcagnia	calcanhar	tumi	tumit	
58	Al piede	pé	batis	betis	37
59	A le solle del piede	solas do pé	empahaci	tapak kaki? empu kaki?	38
60	A la ongia	unhas	cuchu	kuku	
61	Al braccio	braço	langhan	lengan	
62	Al gomedo	cotovelo	sichu	siku	
63	A la mano	mão	tanghan	tangan	
64	Al dito grosso de la mano	dedo grosso da mão	idun tanghan	hidung tangan	39
65	Al secondo	segundo [dedo]	tungu	tundjuk	40
66	Al terso	terceiro [dedo]	geri	jari	41
67	Al carto	quarto [dedo]	mani	manis	
68	Al quinto	quinto [dedo]	calinchin	kelingking	
69	Al rizo	arroz	bugax	beras	42

³⁶ Lit. «ovo da perna», composto que os modernos dicionários não registam.

³⁷ *Betis* é em rigor a parte inferior da perna; o pé é normalmente designado por *kaki*. O uso de *betis* neste sentido é dialectal.

³⁸ A forma corrente é *tapak kaki*; a forma dada por Pigafetta parece corresponder antes a *empu kaki*, lit. «senhor do pé», que se aplica ao dedo grande do pé.

³⁹ Lit. «nariz da mão», composto que os modernos dicionários não registam, chamando -se em geral ao polegar *ibu tangan*, «madre da mão» ou *empu tangan*, «senhor da mão».

⁴⁰ *Tunjuk* é o verbo que significa «indicar»; o seu uso como substantivo é dialectal, próprio de Menancabo (Samatra); de resto diz-se *telunjuk*, forma infixada da mesma raiz.

⁴¹ *Jari* significa «dedo» em geral; o terceiro dedo é geralmente designado por *jari tengah*, «dedo do meio».

⁴² Em malaio, como em muitas outras línguas asiáticas, existem termos diferentes para designar: 1º: a «planta de arroz» e o «arroz com casca» (*bate* em português de Goa, *bhat* em concaním, *néli* em português de Timor, *hare* em tétum) ditos em malaio *padi*; 2º: o «arroz descascado» (*tandu* ou *tandull* em concaním, *fos* em tétum, em chinês 米, lido *mài* em cantonense e *mi* em mandarim), dito em malaio *beras*; 3º: o «arroz cozido», pronto a comer (*xit* em concaním, *êtu* em tétum, em chinês 飯, lido *fán* tanto em cantonense como em mandarim), dito *nasi* em malaio. Segundo Bausani a transcrição *bugax* (*beras* em malaio corrente) corresponde à pronuncia de Sulu e das Bissaias (Filipinas).

70	Al cocho (in Malucho et in Brunei)	coco (em Maluco e Brunei)	biazzau	piasau	43
71	[cocho] in Luzon	coco (em Lução)	nior	nyiur	44
72	[cocho] in Java Maggiore	coco (em Java Maior)	calambil	krambil	45
73	Al figuo	figo [da Índia], banana	pizam	pisang	46
74	A le canne dolce	cana-doce	tubu	tebu	
75	A le batate	batatas	gumbili	kembili	47

⁴³ *Piasau* é forma usada em malaio de Brunei, correspondente à forma *piasaw* em murut ou tomugon (língua falada no norte de Sabah, na parte de Bornéu pertencente à Malásia); em malaio corrente a forma vernácula é *nyiur*, mas a mais usual é o empréstimo sanscrítico *kelapa* (do sânscrito *kalpa*[vrkṣa] nome da mítica árvore de que se pode extrair tudo o que se deseja, aludindo à multifária utilidade do coqueiro).

⁴⁴ Note-se que a expedição não tocou Lução; mas à época os portugueses (talvez por confusão entre *luçon* e *dusun*, nome de uma etnia do norte de Bornéu) designavam genericamente por *luções* todos os povos do norte de Bornéu e das Filipinas. Em tagalo, a principal língua de Lução, a forma é *niyóg*. Formas semelhantes ocorrem em numerosas outras línguas austronésias: vide D. T. Tryon (1995 v. 3, n° 08.820, p. 248-249). Assim também nas línguas de Timor: *nu* em tétum, *nó* em galoli, *noa* em quêmac, *nunu* (se bem me recordo!) em mambae e em baiqueno, etc. A forma recolhida em Malaca pelo(s) compilador(es) do *Glossário Chinês-Malaio*, 牛兒 *niú êrh*, corresponde a *nyur*. *Coco* foi o nome dado pelos marinheiros de Vasco da Gama quando pela primeira vez o viram em Moçambique, porque o coco descascado, com as três cavidades características, lhes pareceu uma «côca» de meter medo aos meninos que se não comportam bem.

⁴⁵ Por «Java Maior» entendia Marco Polo a Java propriamente dita, correspondendo a sua «Java Menor» a Samatra, conquanto seja muito mais vasta do que Java; a expedição não tocou nem uma nem outra, mas Pigafetta refer-se-lhes com certo detalhe, graças aos seus informadores locais. Em jau ou javanês *krambil* usa-se em *ngoko* (linguagem informal a que se fala a iguais ou inferiores), ao passo que em *krâmâ* (linguagem de cortesia em que se fala aos superiores) se usa *klâpâ*, correspondente ao malaio *kelapa*. Em javanês antigo existia *nyû* ou *nyug* (cf. nota precedente).

⁴⁶ *Figo-da-Índia*, *figo-de-jardim*, *figo-de-horta*, são antigos nomes da «banana», usados ainda hoje em Damão e em Goa; *banana*, já registado por Garcia de Orta como termo da Guiné, deriva do manjaco *be-nana*, «bananeira» (ao passo que «banana» se diz *pe-nana* e «bananas» *me-nana*) e acabou por suplantar *figo-da-Índia* em quase toda a parte.

⁴⁷ Não se trata certamente da batata-doce [*Ipomœa batatas*, (L.) Lam, da família das Convolvuláceas] que só mais tarde foi trazida do Novo Mundo pelos espanhóis, difundindo-se a partir das Filipinas, nem muito menos da batata-semilha (*Solanum tuberosum*, L.,

76	Al melone	melão	antimon	entimun	48
77	A le radice como ravi	raízes como nabos	ubi	ubi	49
78	A le ciachare	jaca (?)	mandicai, sicui	mendikai, [buah] sekui	50
79	A le angurie	melancias	labu	labu	51
80	A la vacqua	vaca	lambu	lembu	
81	Al porco	porco	babi	babi	
82	Al bophalo	búfalo	carbau	kerbau	

da família das Solanáceas) cuja difusão é ainda mais tardia, mas de um tubérculo usado localmente na alimentação, o *Plectranthus rotundifolius*, (Poir.) Spreng, da família das Labiadas, outrora classificado como *Coleus tuberosus* (Blume) Benth., que Pigafetta assimilou à batata-doce das Antilhas. Parece ser esta a mais antiga ocorrência em italiano do termo *batata*, sem dúvida de origem taíno, embora em latim esteja atestado desde 1516, na pena de Pedro Mártir de Angléria, em castelhano desde 1519 e em português desde 1554. Manillo Cortelazzo e Paolo Zolli (1979) só o registam em 1550-59 na obra de Ramúsio.

⁴⁸ *Entimun*, *hentimun*, *ketimun* ou *mentimun*, designam o «pepino», em italiano *ce-triolo* (*Cucumis sativus*, L., das Cucurbitáceas) e não o melão (*Cucumis melo*, L.).

⁴⁹ *Ubi* é o nome genérico de vários tubérculos comestíveis; na época devia aplicar-se sobretudo aos inhames (*Dioscorea spp.*, L., das Dioscoreáceas), mas, sobretudo com especificações, veio a aplicar-se a plantas botanicamente muito diferentes: *ubi jalar* veio a designar a «batata-doce», *ubi kayu* (lit. «inhame de pau») a «mandioca» (*Manihot esculenta*, Crantz, das Euforbiáceas), etc.

⁵⁰ O termo italiano não consta dos dicionários, mas é utilizado em 1510 por Ludovico di Varthema, para descrever um dos «frutos de Calecut» que descreve pormenorizadamente e é indubitavelmente a jaca [*Artocarpus integer* (Thunb.) Merr, ou *A. integrifolia*, L. fil., da família das Moráceas]; Pigafetta alude-lhe noutro passo onde o diz «muito refrescante», o que corresponde mais à pateca ou melancia [*Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum, ou *C. vulgaris*, Schrader, outrora classificado como *Cucumis citrullus*, (L.) Ser., das Cucurbitáceas], que é de facto o fruto designado em malaio corrente por *mendikai* e no dialeto de Brunei por *buah sekui*. Provavelmente Pigafetta leu o *Itinerário* de Varthema e identificou apressadamente a melancia com que topou com fruto descrito pelo seu predecessor, que com ela apenas tem em comum a grande dimensão.

⁵¹ *Anguria* é um termo regional, usado para designar o que noutras partes se chama *co-comero*, que é a pateca ou melancia (*vide* nota precedente); Bausani pensa que aqui designa o pepino, e traduz em inglês por *cucumber*. No entanto os dicionários de malaio atribuem a *labu* os significados de «espécie de abóbora» [*Cucurbita moschata*, (Duchesne) Duchesne ex Poir] e de «cabaça» [*Lagenaria siceraria*, (Molina) Standl., da mesma família]. O *Glossário Chinês-Malaio* dá 的悶 *ti mên*, i. e. *timun* para «pepino» e 悶的格 *mên ti ko*, i. e. *mendikai* para «melancia», o que é correto; mas 不的 *pu ti*, i. e., *beték* (do árabe e persa

83	A la pecora	ovelha	biri	biri-biri	
84	A la capra	cabra	cambin	kambing	
85	Al galo	galo	sambunghan	[ayam] sabungan	52
86	A la galina	galinha	aiambatina	ayam betina	53
87	Al cappone	capão	gubili	[ayam] kebiri	54
88	Al ovo	ovo	talor	telur	
89	Al occato	ganso	itich	itik	55
90	Al ocqua	gansa	ansa	angsa (S)	56
91	Al ucello	ave	bolon	burung	
92	Al elephante	elefante	gagia	gajah (S)	
93	Al cavalo	cavalo	cuda	kuda (S)	
94	Al leone	leão	hurimau	harimau	57
95	Al cervo	cervo, veado	roza	rusa	
96	Al cane	cão, perro	cuiu	kuyuk	58
97	Alle hape	abelhas	haermadu	air madu (S)	59
98	Al melle	mel	gula	gula	60
99	A la cera	cera	lelin	lilin	

biṭṭikh, étimo do português *pateca*) para «melão doce» o que mostra a mesma tendência para confundir as diversas cucurbitáceas.

⁵² *Sabungan* significa propriamente «animal de combate» (da $\sqrt{\text{abung}}$, «colidir, combater»); mas em todo o Arquipélago, onde as lutas de galos são assaz populares, o animal de combate por excelência é o galo.

⁵³ Não havendo em malaio género gramatical, todos os nomes de animais são epicenos, ajuntando-se-lhes, quando se quer especificar o sexo, *jantan*, «macho» ou *betina*, «fêmea».

⁵⁴ *Ayam* significa «galo / galinha» e *kebiri*, «capado».

⁵⁵ *Itik* não designa o ganso, mas o adem, parreco ou pato marreco.

⁵⁶ *Angsa*, do sânscrito *hamsa* ou *hāsa*, «ganso silvestre» e, poeticamente, «cisne, animal alado, ave fabulosa», tanto designa o ganso como o cisne.

⁵⁷ *Harimau* não designa o leão mas o reimão ou tigre; mas a confusão entre os dois animais é comum nas regiões em que não há leões, como sucede em persa da Índia onde *šēr*, «leão», é por vezes utilizado para o tigre. O nome do leão é em malaio *singa* e na maioria das línguas da Índia *singh*, do sânscrito *simha*.

⁵⁸ *Kuyuk* é uma interjeição para chamar os cães, usada em Brunei como nome do próprio animal; o termo corrente é *anjing*.

⁵⁹ *Air madu* não significa «abelha» mas «mel» (lit. «água de mel»). A abelha é *lebah* (ou *lebah madu*, «abelha de mel», para a distinguir da vespa).

⁶⁰ *Gula* não significa «mel» (que se diz *madu*, do sânscrito *madhu*), mas «açúcar» e com especificativos como *mérah*, «vermelho» também «jagra, açúcar de palma» (dito, consoantes as regiões, *gula mérah*, «açúcar vermelho», *gula Jawa* ou *gula Melaka*).

100	A la candella	vela, círio	dian	dian	
101	Al suo stopino	o seu pavio	sumbudian	sumbu dian	
102	Al fuoco	fogo	appi	api	
103	Al fumo	fumo	asap	asap	
104	A le cenere	cinzas	abu	abu	
105	Al cucinato	cozinhado	azap	asap	61
106	Al molto cucinato	muito cozinhado	lambech	lémbak	62
107	Al hacqua	água	tubi	tubig	63
108	Al oro	ouro	amax	emas	
109	Al argento	prata	pirac	pérak	
110	A la pietra preciosa	pedra preciosa	premata	permata	
111	A la perla	pérola	mutiara	mutiara (S)	
112	Al argento vivo	azougue, mercúrio	raza	raksa (S)	
113	Al metallo	metal	tumbaga	tembaga (S)	64
114	Al fero	ferro	baci	besi	
115	Al piombo	chumbo	tima	timah	65
116	A le sue borchie	tachas, brochas	agun	agung, gung, gong	66
117	A lo cenaprio	cinábrio, vermelho	galuga sadalinghan	geluga, sedelinggam	67
118	Al argento	prata	soliman danas	?	68

⁶¹ Como vimos acima (nº 103) este termo significa «fumo»; pode significar «cozinhado» no sentido de «fumado, defumado», como em *daging asap*, «carne fumada».

⁶² Há aqui uma distorção semântica, pois *lémbak* significa «transbordar».

⁶³ *Tubig* significa de facto «água», mas em tagalo, biscaia e outras línguas das Filipinas e de Celebes; em malaio é *air*, que o *Glossário Chinês-Malaio* transcreve por 亞兒牙 (cant. *a*) *i êrh*.

⁶⁴ *Tembaga* não significa metal *in genere*, mas «cobre» ou «liga de cobre» (*tembaga kuning*, lit. «cobre amarelo» é o arame ou latão, *t. mérah*, «cobre vermelho», o cobre propriamente dito, *t. putih*, «cobre branco», o peltre, etc.).

⁶⁵ *Timah* não significa «chumbo», mas «estanho»; chumbo diz-se correntemente *timah hitam*, lit. «estanho negro»; em Java usa-se *timbel*.

⁶⁶ Este termo é o étimo do português *gongo*, e significa o mesmo e não «tacha».

⁶⁷ *Geluga* é termo regional, usado em Java; *sedelinggam* é de uso mais geral, mas designa mais propriamente o mínio ou zarcão (óxido de chumbo, Pb O₂), que tem as mesmas propriedades corantes do cinábrio (sulfureto de mercúrio, S Hg₂), com que é bastas vezes confundido.

⁶⁸ Indentificável; o termo para «prata» vai acima, nº 109. *Suliman* ou *Sulaiman* é *Salomão*; *dana* (S) significa «esmola, montepio, fundo monetário»; o seu étimo sânscrito sig-

119	Al panno de seta	pano de seda	cain sutra	kain sutera (S)	
120	Al panno rosso	pano vermelho	cain mira	kain mérah	
121	Al panno negro	pano negro	cain ytam	kain hitam	
122	Al panno bianco	pano branco	cain pute	kain putih	
123	Al panno verde	pano verde	cain igao	kain hijau	
124	Al panno giallo	pano amarelo	cain cunin	kain kuning	
125	Al bonnet	boné, cofió	cophia	kopiah (A)	69
126	Al cortello	faca, cutelo	pixao	pisau	
127	A la forfice	tesoura	guntin	gunting	
128	Al spequio	espelho	chielamin	cermin	
129	Al petine	pente	sissir	sisir	
130	Al cristalino	conta de cristal ou de vidro	manich	manik (S)	
131	Al sonaglio	guiso, campáinha	girin girin	giring-giring	
132	Al anello	anel	sinsin	cincin	
133	aa li garopholi	cravos girofos, cravinho	ghianche	cengkéh	
134	a la cannela	canela	caiumanis	kayu manis	70
135	al pevere	pimenta	lada	lada	
136	al pevere longo	pimenta-longa	sabi	cabé, cabai	71

nifica «riqueza». Queria o informador de Pigafetta dizer que a prata era a riqueza de Salmão?

⁶⁹ Por intermédio do árabe (*kúfiyya* ou *kâfiyya*) e do italiano (*cuffia*), o termo, da mesma origem do português *coifa*, remonta em última análise ao baixo-latim *cuffiam*, por seu turno, ao que parece de origem germânica; a forma *cofió* deriva do mesmo étimo por intermédio do árabe e de qualquer língua da Guiné. Não existindo em malaio o fonema *f*, é, nos empréstimos árabes, normalmente realizado *p*. O *Glossário Chinês-Malaio* dá para «pequeno chapéu» o mesmo termo, numa forma mais próxima do árabe: 狐非亞 *ku-fei-ya*.

⁷⁰ Lit. «pau doce».

⁷¹ Hoje o termo *cabé* ou *cabai* usa-se sobretudo para designar o pimentão (*Capsicum annuum*, L. das Solanáceas), oriundo do Novo Mundo e portanto ainda desconhecido na Insulíndia nesta época, pelo que se engana Bausani ao identificar com ele o vocábulo dado por Pigafetta. No mesmo erro incorre Theodore G. Th. Pigeaud nas suas anotações ao *Nâgarakertâgama* (*Java in the 14th Century – A study in Cultural History*, 5 vols, KITLV, Leida, 1960-63). Outrora, porém, e por vezes ainda hoje, servia para designar a pimenta-longa do Sueste Asiático (*Piper retrofactum*, Vahl., das Piperáceas), e é essa sem dúvida a que está em causa aqui. A pimenta-longa do NE da Índia, conhecida em Brunei e na Europa talvez já desde o século v a. C. (*Piper longum*, L.), é uma espécie distinta.

137	a la noce moscada	noz-moscada	buapala gosoga	buah pala (S), gosora	72
138	Al filo de ramo	fio de arame	cauot	kawat	73
139	Al piato	prato	pinghan	pinggan	
140	A la pigniata	pote, panela	priu	periuk	
141	A la scutela	malga, tigela	manchu	mangkuk	
142	Al piato di legnio	prato de pau	dulan	dulang	
143	A la conqua	alguidar, concha	calunpan	kelompok	74
144	A le sue mesure	as suas medidas	socat	sukat	75
145	A la terra	terra	buchit	bukit	76
146	A la terra ferma	terra-firme	buchit tana	bukit tanah	77
147	A la montagna	montanha	gunun	gunung	
148	A la pietra	pedra	batu	batu	
149	Al ysola	ilha	pulau	pulau	
150	A un capo de terra	cabo, promontório	taniun buchit	tanjung, bukit	
151	Al fiume	rio	songhai	sungai	
152	Come se chiama questo?	como se chama isto	apenamaito?	apa nama itu?	78
153	Al oleo de cocho	óleo de coco	mignach	minyak	79
154	Al oleo de giongioli	óleo de gergelim	lana lingha	minyak, lenga	80

⁷² O elemento *pala* parece vir do sânscrito *phala*, «fruto», usado por antonomásia; *gosora* é, segundo Bausani que se louva em Gonda, termo de Ternate e Halmaheira.

⁷³ Hoje, tal como o português *arame*, usa-se também para o fio de ferro ou de outro metal.

⁷⁴ *Kelompok* não é exatamente um «alguidar» nem uma «concha» (dois sentidos possíveis do italiano *conca*), mas uma casca de ovo vazia, que com ambos compartilha a caráter côncavo.

⁷⁵ No norte da Malásia e em malaio literário *sukat* significa genericamente «medida», seja de capacidade, seja de comprimento ou de outra dimensão; mas mais geralmente designa uma medida para secos equivalente a um alqueire ou 12,6 litros, que se subdivide em 4 gantas (*gantang*).

⁷⁶ *Bukit* não significa «terra», mas «monte»; «terra» diz-se *tanah*.

⁷⁷ *Bukit tanah* significa «monte de terra»; «terra-firme», por oposição a água, diz-se *darat*; por oposição a ilha, diz-se *benua*, «continente».

⁷⁸ *De verbo ad verbum*: «qual nome isto».

⁷⁹ *Minyak* significa «óleo» em geral; para se especificar que é de coco há que dizer *minyak kelapa* ou *m. nyiur*.

⁸⁰ *Minyak* é o termo malaio, *lenga*, o javanês; *lana* ocorre em tagalo, palawan e outras línguas da região (Tryon 1995, 05.790).

155	Al sale	sal	garan sira	garam, sira	81
156	Al muschio e al suo animale	o almíscar e o animal que o dá	castori	kesturi (S)	82
157	Al legno che mangiano li castori	o pau que comem os castores	comaru	?	83
158	A la sansuga	sanguessuga	linta	lintah	
159	Al gibeto	almiscareiro	jabat	jebat (A)	84
160	Al gato che fa lo gibeto	gato-de-algália	muzan	musang	85
161	Al reobarbaro	ruibarbo	calama	kelembak	86

⁸¹ *Sira* é o nome do sal em diversas línguas do Arquipélago, como o achém e o bata do norte de Samatra (Tryon 1995, 05.801) e, segundo Bausani, também em Celebes, Ceirão, etc. Wilkinson registra *sirah*, «sal» em malaio de Brunei.

⁸² Do sânscrito *kastûrî*, «almíscar», que através do malaiala deu em português *casturi*, apenas utilizado no sentido figurado de «ósculo da paz» que lhe dão os cristãos siro-malabares. Embora o mesmo odor esteja presente em outros mamíferos e até em aves e em répteis, o animal que dá o almíscar que aparece no comércio é o almiscareiro, cabra-almiscarada ou cervo-almiscarado (*Moschus moschiferus*, L., da família dos Viverrídeos), que o segrega das suas glândulas genitais masculinas. O animal é encontrado na Mongólia, Sibéria, Manchúria e Coreia, mas não no Sueste Asiático, onde existem, contudo, espécies aparentadas, como a *Viverra zibetha*, L., que dá um perfume menos apreciado.

⁸³ Não é possível identificar este termo, tanto mais que a sua equivalência em italiano é assaz vaga; Bausani aventa várias hipóteses, nenhuma delas satisfatória. Aparentemente Pigafetta deixa-se levar pela paronímia, associando o almíscar (*kesturi* em malaio), produzido por animais da família dos Viverrídeos, que são ruminantes, ao *castor* (de que existem duas espécies, o *Castor fiber*, L., e o *Castor canadensis* Kuhl, da família dos Castorídeos) que é um roedor.

⁸⁴ Cf. *supra* o vocábulo nº 156. *Jebat* provém do árabe *zabâd*, que está na origem do italiano *zibetto*, de onde o francês *civette*, o inglês *civet*, etc.

⁸⁵ *Musang* é em várias regiões do Mundo Malaio o nome genérico dos Viverrídeos; aplica-se sobretudo a animais do género *Paradoxurus* (lit. «de extraordinária cauda»), de que a maior parte produz pouco ou nenhum aroma de almíscar, como sucede ao animal existente em Timor e aí designado por *laco* (*Paradoxurus hermaphroditus musanga*, Raff.). Por analogia *musang* usa-se hoje para traduzir na literatura o nome da «raposa», inexistente no Arquipélago, mas que possui também uma imponente cauda. O verdadeiro gato-de-algália ou civeta-africana (*Civettictis civetta*, Schreber, da mesma família), conhecido por *lagaia* em S. Tomé e Príncipe, é uma espécie africana, inexistente na Ásia, que produz a algália, perfume semelhante ao almíscar.

⁸⁶ *Kelembak* não designa o ruibarbo (*Rheum rhabarbarum*, L., da família das Poligonáceas) mas a águila, calambac calambuco, linaloés ou lenho-aloés [*Aquilaria malaccensis*,

162	Al demonio	demónio	saytan	sétan (A)	
163	Al mondo	mundo	bumi	bumi (S)	87
164	Al fromento	trigo, frumento	gandun	gandum (P)	88
165	Al dormire	dormir	tidor	tidur	
166	A le store	esteiras	tical	tikar	
167	Al cussino	coxim, almofada	bantal	bantal	
168	Al dolore	dor	sachet	sakit	
169	A la sanitate	saúde	bay	baik	89
170	Alla sedola	?	cupia	kupiah (A?)	90
171	Al sparaventolo	abano, leque	chipas	kipas	
172	A li sui panni	os seus panos	chebun	kebun	91
173	A le camise	camisas	baiu	baju (P)	92
174	A le sua case	as suas caixas	pati alam	peti alang (?)	93

Lam. e espécies vizinhas como a *A.agallocha* (Lour.) Roxb., da família das Timeleáceas], em que se forma uma concreção, de origem patológica [devida a infeção pelo *Phaeoacremonium parasiticum* (Ajello, Georg & C.J.K. Wang) W. Gams, Crous & M.J. Wingf.], que é altamente aromática; conhecida na Europa desde a Antiguidade é mencionada já como mezinha por Dioscórides (c. 40-90) sob o nome de *ἀγάλλοχον*, de onde o nome botânico dado pelo Pe Loureiro a uma das espécies que identificou na Cochinchina. É provável que o aloés mencionado como perfume na Bíblia (Num 24, 6; Prov 7, 17; Cant 4,14, etc.) seja identificável com uma destas espécies, pois o vulgar aloé ou azebre [*Aloe vera*, (L.) Burm. f. da família das Liliáceas], relativamente comum no litoral português e na zona mediterrânica em geral, não é particularmente aromático.

⁸⁷ *Bumi* (do sânscrito *bhūmī*, «Terra») é o «mundo» no sentido restrito de «Terra», em que, na forma 布迷 *pu-mi*, consta já do *Glossário chinês-malaio* acima citado; em sentido mais geral de «natureza, criação, universo» é *alam* (do árabe *'alam*) ou, no sentido de «mundo material», oposto ao céu ou à eternidade, *dunia* (do árabe *dunyâ*).

⁸⁸ O termo usa-se hoje bastas vezes no sentido genérico de «grão, cereal»; para o trigo em particular usa-se hoje as mais das vezes o empréstimo português *terigu*; o *Glossário Chinês-Malaio* dá 昆冬 *k'un-tung*, i. e., *gandum*, como equivalente a «farinha».

⁸⁹ *Baik* significa «bom, bem» em qualquer sentido; para «são, de boa saúde» usa-se *séhat*.

⁹⁰ Trata-se aparentemente de uma repetição do vocábulo n.º 125; mas o termo italiano não se encontra nos dicionários; *seggiola*, «assento, cadeira» não faz sentido aqui.

⁹¹ *Kebun* existe, mas significa «jardim, horta, plantação».

⁹² *Baju* (termo que passou ao português), do persa *bâzû*, «braço» designa genericamente qualquer vestimenta com mangas.

⁹³ Como *peti* significa «caixa» é necessário restituir o italiano *cassa* em vez de *casa*; *peti alang* será uma «caixa com divisórias», pois *alang* significa «barra transversal, tabique, divisória». Bausani, louvando-se em Gonda, interpreta *aluang*, como «arca»; o termo não é malaio mas menacabo (Samatra ocidental).

175	Al anno	ano	taun	tahun	
176	Al mese	mês	bullan	bulan	94
177	Al di	dia	alli	hari	
178	A la nocte	noite	mallan	malam	
179	Al tarde	tarde	malamari	malam hari	
180	Al mezodi	meio-dia	tamhahari	tengah hari	
181	A la matina	manhã	patan patan	petang	95
182	Al solle	sol	mata hari	matahari	96
183	A la luna	lua	bulan	bulan	
184	A la mezzaluna	meia-lua	tanampat bulan	tengah empat bulan	97
185	A le stelle	estrelas	bintan	bintang	
186	Al ciello	céu	languin	langit	
187	Al trono	trovão	gunthur	guntur	
188	Al merchadante	mercador	saudagar	saudagar (P)	
189	A le citade	ciudades	naghiri	negeri (S)	98
190	Al castello	castelo, lugar fortificado	kuta	kota (S)	99
191	A la casa	casa	ruma	rumah	
192	Al sedere	sentar-se, estar sentado	duodo	duduk	
193	Sedeti gentilhomo	senta-te, gentil-homem!	duodo orancaia	duduk orang kaya	100

⁹⁴ Lit. «lua».

⁹⁵ *Petang* significa o inverso: «tarde, entardecer»; a forma redobrada *petang petang* significa «fim de tarde, anoitecer».

⁹⁶ Lit.: «olho (*mata*) do dia (*hari*)».

⁹⁷ *Bulan* significa «lua»; *setengah empat* significa «metade [para as] quatro, *i. e.*, três e meia»; a expressão equivale portanto a «lua a três quartos», *i. e.* «quarto mingunte», o que de facto corresponde visualmente a «meia-lua».

⁹⁸ O étimo sanscrito (*nagarī*, forma feminina derivada de *nagara*, «cidade») significa «cidade, capital», mas em malaio o termo usa-se hoje principalmente no sentido de «país, estado, território dependente de uma capital».

⁹⁹ Do sânscrito, por seu turno de origem dravídica, *koṭṭa*, «fortificação, lugar fortificado», sentido em que, na forma 谷達 *ku-ta*, consta do *Glossário chinês-malaio* do século xv e que se mantém na Malásia, em Menacabo, em Timor, etc.; mas na Indonésia em geral o vocábulo usa-se hoje no sentido genérico de «cidade», para que na Malásia se prefere o termo persa *bandar*, «porto», étimo do português *bandel*.

¹⁰⁰ *Orang kaya*, lit. «homem rico» significa na linguagem clássica «rico-homem, nobre, senhor malaio, orancaia» independentemente da riqueza efetiva que possua.

194	Sedeti homo da benne	senta-te, homem de bem!	duodo horambai et anan	duduk, orang baik, ke tanah (?)	¹⁰¹
195	Signor	senhor	tuan	tuan	
196	Al puto	puto, menino, criança	cana cana	kanak-kanak	
197	Al uno suo alievo	aluno seu	lascar	lasykar (P)	¹⁰²
198	Al schiavo	escravo	alipin	alipin	¹⁰³
199	Al si	sim	ca	ia	¹⁰⁴
200	Al no	não	tida	tidak	
201	Al intendere	entender	thao	tahu	
202	Al non intendere	não entender	tida taho	tidak tahu	
203	Non mi gardare	não me olhes!	tida liat	tidak lihat	¹⁰⁵
204	guardame	olha-me	liat	lihat	
205	A essere una medesima cosa	ser a mesma coisa	casicasi, siana siana	kasih kasih, sama sama (S)	¹⁰⁶
206	Al mazare	matar	mati	mati	¹⁰⁷
207	Al mangiare	comer	macan	makan	
208	Al iuchiaro	colher, cocharra	sandoch	séndok	
209	A la magalda	meretriz	sondal	sundal	
210	Grande	grande	bassal	besar	

¹⁰¹ *Duduk orang baik* significa «senta-te, bom homem» (*orang*, em rigor significa «pessoa», independentemente do sexo); seguimos a Bausani, que interpreta *et anan* como correspondente a *ke tanah*, «no chão».

¹⁰² *Laškâr* em persa (e daí em malaio e outras línguas) significa «soldado», de onde o português *lascar*, «soldado nativo»; *lascarim* provém do adjetivo derivado *laškârî*, «militar»; para «aluno» usa-se o termo árabe *murid*.

¹⁰³ *Alipin* é o termo tagalo para «escravo»; o malaio possui diversos termos: *hamba*, *sahaya* (S), *abdi* (A), etc.: vide Thomaz (1994).

¹⁰⁴ *Ca* deve ser erro de copista por *ea*, transcrição aproximada de *ia*, «ele, ela», que se usa por vezes no sentido de «isso! sim!»; tal como em português, usa-se pouco, sendo mais normal repetir o verbo: *Bapak ada? Ada!*, «o pai está? Está!».

¹⁰⁵ Na realidade *tidak lihat* significa «não vejo, não vê, etc.», pois *tidak* é uma negativa simples, meramente assertiva, que serve para negar um ato, um estado ou uma qualidade, sendo *jangan* a negativa proibitiva ou intencional, ao passo que *lihat* é «ver» e não «olhar», que se diz *pandang*.

¹⁰⁶ *Sama* significa efetivamente «mesmo, idêntico» e *sama-sama*, «juntamente, igualmente» ou «iguais entre si»; mas *kasih* significa «amar» ou, coloquialmente, «dar».

¹⁰⁷ *Mati* não significa «matar», mas «morrer»; «matar» diz-se *bunuh*, ou, quando muito, *mematikan*, «fazer morrer» (forma causativa de *mati*).

211	Longo	longo, comprido	pangian	panjang	
212	Picolo	pequeno	chechil	kecil	
213	Corto	curto	pandach	péndék	
214	Al havere	ter, haver	ada	ada	¹⁰⁸
215	Al no havere	não ter, não haver	tida hada	tidak ada	
216	Signior ascolta!	senhor, escuta!	tuan diam	tuan diam	¹⁰⁹
217	Dove viene il ionco?	de onde vem o junco?	dimana ajun?	dimana (a)jung?	¹¹⁰
218	A la guquia da cusire	agulha de coser	jalun	jarum	
219	Al cusire	coser	banan	benang	¹¹¹
220	Al filo da cusire	fio de coser	pintal benan	pintal benang	¹¹²
221	A la scufia del capo	barrete, boné da cabeça	dastar capala	destar (P) kepala (S)	¹¹³
222	Al re	rei	raia	raja (S)	
223	A la reyna	rainha	putli	puteri (S)	¹¹⁴
224	Al legnio	pau, madeira, lenho	caiu	kayu	
225	Al stentar	?	caraiar	?	
226	Al salassare	sangrar, purgar	bualdala	buang darah	¹¹⁵
227	A la venna del braccio dove se salassa	a veia do braço que se sangra	urat paratanghan	urat parah tangan	¹¹⁶

¹⁰⁸ *Ada* significa «existir», «haver (impessoal)» ou «estar (em tal ou tal lugar)»; em malaio clássico «ter, haver» diz-se *ada kapada F.*, «ser para F., existir para F.», construção idêntica ao latim *esse* + dativo (*ada anjing kepadaku*, «est mihi canis», *i. e.* «tenho um cão»), e a uma construção idêntica nas línguas semíticas. No entanto, coloquialmente, usa-se muitas vezes *ada* transitivamente, para traduzir a noção de «ter, possuir».

¹⁰⁹ *Tuan diam* significa em rigor, «senhor, cala-te» ou «senhor, fica *quieto*».

¹¹⁰ *Dimana jung* (ou *ajung?*) significa em rigor «onde está o junco?»; «de onde vem o junco?» seria *dari mana jung?*

¹¹¹ *Benang* é a «linha de coser»; o verbo «coser» é (*men*)*jahit*.

¹¹² Em rigor, *pintal benang* é o «cordão de fio», o «fio torcido» ou «entrançado».

¹¹³ *Destar* (do persa *dastâr*) é em rigor o turbante, que de facto se usa na cabeça (*kepala*).

¹¹⁴ *Puteri* (do sânscrito *putrî*, «filha») significa em rigor «princesa».

¹¹⁵ *Buang* significa «deitar fora, expelir» e *darah*, «sangue».

¹¹⁶ *Urat*, «parte filamentososa do corpo (veia, artéria, nervo)»; *parah*, «grave, difícil, perigoso»; *tangan*, «mão», portanto «veia grave da mão»; a não ser que em vez de *parah* se deva ler *darah*, «sangue», pois *urat darah* significa «veia».

228	Al sangue que vien fora del bracio	o sangue que sai do braço	dara carnal	darah kental	117
229	Al sangue buona	bom sangue	dara	darah	118
230	Quando stratuita-no dicenno	quando espilram dizem	ebarasai	ia bersin(?)	119
231	Al pece	peixe	ycam	ikan	
232	Al polpo	polvo	calabutan	kala (S) butan	120
233	A la carne	carne	dagin	daging	
234	Al corniolo	caracol	cepot	ciput, siput	121
235	Poco	pouco	serich	sedikit	
236	Mezo	meio	satanha, sapanghal	setengah, sepenggal	122
237	Al fredo	frio	dinghin	dingin	
238	Al caldo	cálido, quente	panas	panas	
239	Longi	longe	jau	jauh	
240	A la verità	verdade	benar	benar	
241	A la bugia	mentira, engano, peta	dusta	dusta (S)	
242	Al robare	roubar	manchiuri	mencuri (S)	
243	A la rognia	sarna	codis	kudis	
244	Piglia	toma!	na	nak (?)	123
245	Dame	dá-me!	ambil	ambil	124
246	Grasso	gordo	gamuch	gemuk	

¹¹⁷ Lit. «sangue grosso, sangue espesso».

¹¹⁸ *Darah* significa «sangue» em todas as acepções.

¹¹⁹ *la bersin* significa simplesmente «ele espilra» ou «ele espilrou»; o tradicional é dizer em árabe a *Al hamdu l'illâh* «louvor a Deus».

¹²⁰ *Kala* é o nome do «escorpião» (animal e constelação); segundo Bausani, *kala butan* é no dialeto malaio de Brunei o nome do «choco» e não do «polvo».

¹²¹ *Ciput* ou *siput* é em malaio o nome do «caracol», que veio a significar «concha» em português de Timor, na forma *cibo*; mas o italiano *corniolo*, quiçá dialectal, não é registado pelos dicionários.

¹²² *Se-*, forma curta de *satu* usada em composição, significa «um»; *tengah* significa metade, mas *penggal* significa genericamente «pedaço, bocado».

¹²³ *Nak* é forma breve de *hendak*, «tencionar, desejar» que se usa como verbo auxiliar para formar um futuro com um ligeiro cambiante de intencionalidade (cf. inglês *I will do*, port. *eu hei de fazer*, etc.); o sentido de «tomar» está ausente do vocábulo.

¹²⁴ *Ambil* significa «toma» e não «dá-me» que se diz *beri, beri kepadaku* («a mim»).

247	Magro	magro	golos	kurus	
248	Al capelo	chapéu, boné, etc.	tundun capala	tudung kepala (S)	¹²⁵
249	Quanti	quantos?	barapa	berapa	
250	Una fiata	uma vez	satu chali	satu kali	
251	Uno bracio	uma braça	dapa	depa	
252	Al parlare	falar	katha	kata (S)	¹²⁶
253	A quivi	aqui	sini	sini	
254	A là	lá, ali, acolá	sana datan	sana datang	¹²⁷
255	Bon iorno	bom dia	salamalichun	al-salam" 'alaikum (A)	¹²⁸
256	Al rispondere	ao responder [-lhe]	alichum salam	wa 'alaikum al-salam (A)	
257	Signori, bon pro vi faccia!	senhores, bom proveito!	mali horancaia makan	mari orang kaya makan	¹²⁹
258	Già ho mangiato	já comi	suda macan	sudah makan	
259	Homo, levati di li	homem levanta-te daí!	pandan chita oran	pandang kita, orang!	¹³⁰
260	Al disdisidare	levantar-se [da mesa] (?)	banunchan	bangunkan	
261	Buona sera !	boa tarde	sabalchaer	ḡabâḡ al-khayr (A)	¹³¹
262	Al risponder	ao responder[-lhe]	chaer saudar	khayr (A), saudara (S)!	¹³²
263	Al dare	dar	minta	minta	¹³³
264	A dar ad alguno	dar [pancada] a alguém	bripocol	beri pukul	

¹²⁵ À letra «cobertura da cabeça, tampa da cabeça». Em português de Timor usa-se para o chapéu de palha aproximadamente cónico, ou em forma de chapéu colonial, o empréstimo malaio *tudom*.

¹²⁶ *Kata* significa «palavra»; para «dizer» usa-se a forma derivada *berkata*; «falar» (intransitivo) diz-se *cakap*, *bercakap*.

¹²⁷ *Sana* de per si significa, «ali, acolá», *datang* significa «vir» ou «vem!».

¹²⁸ Lit., em árabe, «a paz esteja sobre vós»; a resposta é «e sobre vós esteja a paz».

¹²⁹ Lit. «vinde, orancaias, comer» ou «vamos, meus senhores, comer».

¹³⁰ De facto, a frase significa «olha para nós, homem!».

¹³¹ A significação da frase está trocada: em árabe *ḡabâḡ al khayr* significa «manhã próxima», portanto «bom dia» e não «boa tarde».

¹³² Lit. «boa, primo!».

¹³³ *Minta* não significa «dar», mas «pedir».

265	A li cepi di fero	corrente, cepo, algema	balanghu	belenggu	
266	O, como puza!	ó, como fede! que mal cheira!	bossochini	busuk ini!	¹³⁴
267	Al homo iovene	homem jovem	horan muda	orang muda	
268	Al vechio	velho	tua	tua	
269	Al scrivano	escrivão	xiritoles	juru tulis	¹³⁵
270	A la carta	papel	cartas	kertas (A)	¹³⁶
271	Al scrivere	escrever	magnurat	menyurat	
272	A la penna	pena	calam	kalam (A)	
273	Al inchiostro	tinta	dauat	dawat	
274	Al calamaro	tinteiro	padautan	pedawatan	
275	La letera	carta	surat	surat	
276	Non lo ho	não o tenho	guala	wala	¹³⁷
277	Vien qui	vem aqui!	camari	ke mari!	
278	Che voletti	que quereis?	appa mau	apa mahu, apa mau?	
279	Che mandati	que mandais?	appa ito	apa itu?	¹³⁸
280	Al porto de mare	porto de mar	labuan	labuhan	
281	A la galia	galé	gurap	gurab, ghurab (A)	
282	A la nave	navio	capal	kapal (T)	
283	A la proa	proa	allon	haluan	
284	A la popa	popa	biritan	buritan	
285	Al navigare	navegar	belaiar	berlayar, belayar	
286	Al suo arbore	sua árvore (mastro)	tian	tiang	
287	Al antena	mastro, verga	laiar	layar	¹³⁹
288	Alle sartie	enxárceas	tamira	tembérang	
289	A la vella	vela	leier	layar	
290	A la gabia	gávea	simbulaia	simpul layar (?)	¹⁴⁰

¹³⁴ Lit. «fede, isto!».

¹³⁵ À letra «perito» (*juru*) «em escrever» (*tulis*).

¹³⁶ O termo arábico é o étimo do português *cartaz*.

¹³⁷ *Wala* significa «não é, não há», mas em tagalo.

¹³⁸ *Apa hitu* significa na realidade «que é isso?», ou «que é aquilo?».

¹³⁹ *Layar* significa «vela» e não «mastro», contemplado aliás na entrada precedente. Para «verga» há o composto *pebahu layar*, lit. «que faz de braço à vela».

¹⁴⁰ A reconstituição de Bausani, *simpul layar*, «amarrar as velas, prender as velas» parece-nos de facto, a única plausível, embora o significado não concorde. *Gávea* tem dois

291	A la corda del ancora	cabo da âncora	danda	dandan	¹⁴¹
292	A la anchora	âncora	sau	sauh	
293	Al batello	batel	sampan	sampan	¹⁴²
294	Al remo	remo	daiun	dayung	¹⁴³
295	A la bombardarda	bombarda	badil	bedil (T)	¹⁴⁴
296	Al vento	vento	anghin	angin	
297	Al mare	mar	laut	laut	
298	Huomo, vien qui!	homem, vem cá!	horan itu dantan	orang itu, datang!	
299	A li sui pugnali	seus punhais (crizes)	calix, golog	keris, golok	¹⁴⁵
300	Al suo manicho	sua manga, seu punho	daganaan	pegangan, gagang (?)	¹⁴⁶
301	A la spada	espada	padan gole	pedang, golok	
302	A la zarabotana	zarabatana	sumpitan	sumpitan	
303	A le sua freze	suas frechas	damach	damak	

sentidos: etimologicamente significa «gaiola, jaula», e daí, «cesto da gávea», colocado acima da primeira vela do mastro principal como posto de observação; daí se passou ao sentido de «vela vizinha do cesto», «segunda vela do mastro-grande, acima do papafigos».

¹⁴¹ *Dandan* significa «amarra, cabo, corda, cordame», em geral, não necessariamente «cabo da âncora».

¹⁴² O termo é, segundo as investigações mais fidedignas, de origem cambojana, derivado do khmer *sāmpān*; a etimologia geralmente apresentada, que o faz vir do cantonense 三板 *sam pan*, «três tábuas» deve-se certamente a paronímia; de qualquer modo a grafia normal em chinês não é 三板, mas 舢舨, que se lê em mandarim *shan pan*: cf. L. Aurousseau (1922), «Le mot *sampan* est-il chinois?», *Bulletin de l'École Française d'Extrême-Orient*, XXII, p. 140.

¹⁴³ *Dayung* é «remo» ou «pedal» em geral, designando sobretudo o remo fixo ao casco da embarcação; mas usa-se em Java para também para o pangaio ou remo de uma só pá que se segura com as mãos ambas, dito em geral *kayuh*, *pengayuh* ou *kemayuh*; é de *pengayuh*, que vem o português *pangaio* ou *pangaia*, com cuja etimologia Mons. Dalgado (1919-1921) não atinou.

¹⁴⁴ *Bedil*, usado sobretudo em Java e em Samatra, designa a «arma de fogo» em geral; mas ao tempo as armas de fogo ligeiras eram ainda raras, e é talvez por isso que vieram a ser geralmente designadas pelo empréstimo holandês *senapan*.

¹⁴⁵ O punhal malaio ou criz, de folha em geral serpentina, é *keris*; *golok* é mais uma «faca de mato», de folha larga e gume geralmente convexo.

¹⁴⁶ *Pegangan*, «pega, punho, cabo» (de *pegang*, «pegar, segurar») parece-nos tão lógico e foneticamente possível como *gagang*, «caule, pega, manga» que Bausani sugere.

304	Al erba venenata	erva envenenada	ypu	ipuh	147
305	Al carchasso	carcás, aljava	bolo	buluh	148
306	Al archo	arco	bossor	busur	
307	A le sue freze	suas frechas	anacpana	anak panah	149
308	A li gati	gatos	cochin puchia	kucing, pusa	150
309	Al sorge	rato	ticus	tikus	
310	Al legoro	crocodilo	buai	buaya	
311	A li vermi che mangiano le navi	gusano	capan lotos	kapang, lotos	151
312	Al hamo da pescara	anzol	matacauir	mata kail	152
313	A la sua esca	isca	unpan	umpan, empan	
314	A la corda del hamo	linha de pesca	tunda	tunda	153
315	Al lavare	lavar	mandi	mandi	154
316	Non haver paura	não tenhas medo!	jangan tacut!	jangan takut!	
317	Straca	grande cansaço	lala	lelah	
318	Uno baso dolce	um beijo doce	sadap manis	sedap manis	155
319	Al amico	amigo	saudara	saudara (S)	156
320	Al nemicho	inimigo	saubat	sobat (A)	157
321	Certo hè	certo é	zonghu	sunngguh	
322	Al marcadantre	mercadejar, tratar	biniaga	berniaga (S)	158

¹⁴⁷ *Ipuh* significa simplesmente «veneno».

¹⁴⁸ *Buluh* significa simplesmente «bambu», mas as mais das vezes era um troço de bambu que se usava como aljava.

¹⁴⁹ Lit. «filhos do arco» (*panah*, equivalente a *busur* ou *busar*).

¹⁵⁰ *Kucing* é o termo corrente em malaio; *puchia* pode representar o tagalo ou o dayak *pusa*, equivalente ao tétum *busa*, «gato».

¹⁵¹ *Kapang* é o nome malaio; *lotos* é tagalo. O nome científico do bichinho é *Teredo navalis*, L.

¹⁵² Lit. «olho da cana de pesca».

¹⁵³ *Tunda* em malaio significa «rebocar, içar»; no sentido de «linha de pesca» usa-se, segundo Bausani, em biscaia.

¹⁵⁴ *Mandi* em rigor é «tomar banho, banhar-se»; lavar *in genere* diz-se *cuci*.

¹⁵⁵ *Manis* significa de facto «doce», mas *sedap* significa «agradável, gostoso, delicioso, bem-cheiroso».

¹⁵⁶ Cf. *supra* o vocábulo nº14.

¹⁵⁷ *Sobat*, variante de *sahabat*, significa na realidade «amigo, camarada»; «inimigo» diz-se *musuh* ou *seteru* (S).

¹⁵⁸ Étimo do português *veniaga*.

323	Non ho	não tenho	auis	habis	¹⁵⁹
324	A essere amico	ser amigo	pugna	punya	¹⁶⁰
325	Due cose	duas coisas	maluphp	?	
326	Si	sim	ouo	au	¹⁶¹
327	Al rufo	rufião, alcoviteiro	zoroan, pagnorro	suruhan, penyuruh	¹⁶²
328	A darce piacer	dar-se ao prazer	mamain	memain	¹⁶³
329	A essere agrizato	estar azedo, irado (?)	mala	marah, amarah	
330	Al mato	doido	gila	gila	
331	Al interprete	intérprete	giorobaza	juru bahasa	¹⁶⁴
332	Quanti lingagi sai?	quantas línguas sabes?	barapa bahas tau	berapa bahasa tahu?	
333	Molti	muitos /-as	bagna	banyak	
334	Al parlare de Malaca	ao falar de Malaca	chiara malaiu	cara melayu	¹⁶⁵
335	Dove sta cului?	onde está aquele?	dimana horan?	dimana orang [itu]'	
336	A la bandiera	bandeira	tonghol	tunggul	¹⁶⁶
337	Adesso	agora	sacaran	sekarang	
338	Da matina	de manhã	hezoch	ésok	¹⁶⁷
339	L'altro giorno	outro dia, passado amanhã	luza	lusa	

¹⁵⁹ *Habis* significa na realidade «acabou-se, gastou-se».

¹⁶⁰ *Punya* é forma abreviada de *empunya*, «seu dono», mas através de frases do tipo *rumah ini saya (em) punya*, lit. «esta casa eu seu dono, i. e., esta casa é minha», tornou-se um verbo com o sentido de «possuir» e, sobretudo em «malaio de bazar» uma espécie de índice do genitivo (v. g.: *saya punya bini*, «a minha mulher»). Não envolve qualquer sentido de amizade.

¹⁶¹ *Au*, «sim» é forma dialectal usada em Brunei e Sarawak; cf. *supra* vocábulo n° 199.

¹⁶² Tanto *penyuru* como *suruhan* se ligam à $\sqrt{\text{suruh}}$, «pedir», o primeiro como *nomen agentis* o segundo com *nomen rei actae*.

¹⁶³ *Main* significa «brincar, jogar, tocar (um instrumento)»; mas pode, eufemisticamente, aludir a «comércio carnal».

¹⁶⁴ Lit. «perito (*juru*) em língua» (*bahasa*), étimo do português *jurubaça*; a variante *durbaça*, usada em Timor, vem por intermédio do tétum, língua em que não existe o fonema *j*.

¹⁶⁵ Lit. «ao modo malaio, à maneira malaia, à chara malaia».

¹⁶⁶ *Tunggul* significa «tronco, toco, pau» e, aparentemente por extensão, «estandarte, bandeira»; para «bandeira» usa-se hoje mais o empréstimo português *bendéra*.

¹⁶⁷ Em malaio clássico *ésok* significa «manhã» e *bésok*, «amanhã»; hoje usam-se ambos os termos neste derradeiro sentido, preferindo-se para «manhã» o termo *pagi*.

340	Hieri	ontem	calamari	kelmarin, kemarin	
341	Al martelo	martelo	palmocol basi	pemukul besi	¹⁶⁸
342	Al chiodo	prego	pacu	paku	
343	Al mortaro	pilão, gral, almofariz	lozon	lesun	
344	Al pilone de pistare	pilão, mão do gral	atan	antan	
345	Al balare	bailar	manari	menari, tari	
346	Al pagare	pagar	baiar	bayar	
347	Al chiamare	chamar	panghil	panggil	
348	A non essere maritato	ser solteiro	ugan	ujang, bujang	¹⁶⁹
349	A essere maritato	ser {já} casado	sudah babini	{sudah} berbini	
350	Tuto uno	tudo junto	samua	semua	
351	A la piogia	chuva	ugian	hujan	
352	Al ebriaco	ébrio, bêbedo	moboch	mabuk	
353	A la pelle	pele	culit	kuit	
354	A la bissa	bicha, lagarta	ullat	ulat	
355	Al combater	combater	guzar	gusar	¹⁷⁰
356	Dolce	doce	manis	manis	
357	Amaro	amargo	azon	asam	¹⁷¹
358	Como stai?	como estás?	appa giadi	apa jadi	¹⁷²
359	Benne	bem	bay	baik	
360	Malle	mal	sachet	sakit	¹⁷³
361	Portame quello	traze-me aquilo	biriacan	beri akan...	¹⁷⁴

¹⁶⁸ Lit. «batedor de ferro»; também se diz *tukul e palu*.

¹⁶⁹ Hoje o termo usual é *bujiang*; *ujang* é dialectal, usado em Sunda (Java ocidental).

¹⁷⁰ Em rigor, *gusar* não significa «combater», mas «irar-se, encolerizar-se, estar furioso».

¹⁷¹ Em rigor, *asam*, que é também o nome do tamarindo, não significa «amargo» mas «ácido»; «amargo» diz-se mais propriamente *pahit*; mas, como em outras línguas, há uma certa osmose entre as duas noções.

¹⁷² *Apa jadi*, significa mais exatamente «que sucedeu? que se passa?» ou, quando muito, «que te tornas tu?».

¹⁷³ Em rigor *sakit* significa «doente, dorido».

¹⁷⁴ *Beri* significa «dar» e não exatamente «trazer»; de qualquer modo a frase está incompleta pois *akan*, que significa «para, para com, em relação a», é uma preposição que queda sem regime; mas *beri*, «dar», onstrói-se normalmente com *kepada*, «a, para»; deveria portanto ser algo como *beri {barang itu} kepadaku*, «dá-me {aquela coisa}». A forma benefactiva do mesmo verbo é (*mem*)*berikan*, «dar a, dar para», mas a transcrição dada por Pigafetta corresponde mais a *beri akan* que a *berikan*.

362	Questo huomo h�e un poltrone	este homem �e um poltr�o	giadi hiat horan itu	jadi kiat (?) orang itu	175
363	Basta	basta	suda	sudah	176
I venti (Os ventos)					
364	A la tramonana	norte	iraga	hilaga	177
365	Al mezo di	sul	salatan	selatan	
366	Al levante	levante, oriente, leste	timor	timur	
367	Al ponente	poente, ocidente, oeste	baratapat	barat tepat	178
368	Al griego	nordeste	utara	utara (S)	179
369	Al garbin	sudoeste	berdaia	barat daya	
370	Al maestrale	noroeste	barolaut	barat laut	
371	Al siroco	sueste	tunghara	tenggara	
Número (Números)					
372	uno	um	satus	satu	
373	dui	dois	dua	dua	
374	tre	três	tiga	tiga	
375	catro	quatro	ampat	empat	
376	cinque	cinco	lima	lima	
377	sey	seis	anam	enam	
378	sette	sete	tugu	tujuh	
379	octo	oito	duolapan	delapan	180

¹⁷⁵ *Hiat não*  e registado pelos dicionários; o termo mais próximo  e *kiat*, «rígido, inerte, dormente», que se diz de um membro do corpo, de modo que a frase faz pouco sentido. Poderia ser por exemplo: *jadi ketakutan orang itu*, lit. «ficou tomado de medo aquele homem!», ou *penakut orang itu*, « e medroso aquele homem!».

¹⁷⁶ *Sudah* significa «já; mas por elipse (v. g. por *sudah cukup*, «já  e suficiente, já basta») pode, de facto, significar «basta!». O *Glossário Chinês-Malaio* d , num contexto de vocábulos tocantes a cerim nias e audiências régias,  答 *su-ta* como equivalente a «fim da cerim nia».

¹⁷⁷ é o termo tagalo para «norte»; em malaio corrente diz-se *utara*; o *Glossário Chinês-Malaio* reflete o uso comum ao transcrever *laut besar utara*, «grande mar do norte» por 滂不撒 烏答刺 *lao pu-sa wu-ta-la*.

¹⁷⁸ *Tepat* significa «preciso, exato» e   desnecessário aqui.

¹⁷⁹ O uso de *utara* para significar «nordeste» em vez de «norte» é, segundo Bausani, dialectal, próprio de Brunei; aliás diz-se *timur laut* (lit. «orientemar»).

¹⁸⁰ A forma hoje corrente   *delapan*; mas em textos antigos ocorre a forma etimológica *dualapan*, i. e., «dois (*dua*) roubados (*alap*) [a dez] + sufixo (*an*)»; o *Glossário Chinês-Malaio*

380	nove	nove	sambilan	sembilan	
381	diece	dez	sapolo	sepuluh	
382	vinti	vinte	duapolo	duapuluh	
383	trenta	trinta	tigapolo	tigapuluh	
384	quaranta	quarenta	ampatpolo	empatpuluh	
385	cinquanta	cinquenta	limapolo	limpuluh	
386	sexanta	sessenta	anampolo	enampuluh	
387	settanta	setenta	tugupolo	tujuh puluh	
388	octanta	oitenta	dualapanpolo	delapanpuluh	
389	novanta	noventa	sambilanpolo	sembilanpuluh	
390	cento	cem	saratus	seratus	
391	duzendo	duzentos	duaratus	dua ratus	
392	trecento	trezentos	tigaratus	tiga ratus	
393	quatrocento	quatrocentos	anamparatus	enam ratus	
394	cinquecento	quinhentos	limaratus	lima ratus	
395	seycento	seiscentos	anambratus	enam ratus	
396	setecento	setecentos	tugurattus	tujuh ratus	
397	otocento	oitocentos	dualapanrattus	delapan ratus	
398	novocento	novacentos	sambilanratus	sembilan ratus	
399	mille	mil	salibu	seribu	
400	due millia	dois mil	dualibu	dua ribu	
401	tre millia	três mil	tigalibu	tiga ribu	
402	quatro mille	quatro mil	ampatlibu	empat ribu	
403	cinque millia	cinco mil	limalibu	lima ribu	
404	sey millia	seis mil	anamlibu	enam ribu	
405	sette millia	sete mil	tugulibu	tujuh ribu	
406	octo millia	oito mil	dualapanlibu	delapan ribu	
407	nove millia	nove mil	sambilanlibu	sembilan ribu	
408	diece millia	dez mil	salacza	selaksa (S)	181

tem 都刺板 *tu-la-pan*. As demais línguas austronésicas (jau, tagalo, tétum, etc.) conservam a forma antiga (*wolu*, *waló*, *walu*, etc.). O mesmo se passa com o número «nove»: o malaio tem *sembilan*, *i. e.* «um (*se-*), levado (*ambil*) [a dez] + sufixo (*an*)», mas o jau, o tagalo e o tétum têm respectivamente *sanga*, *siyám* e *sia*.

¹⁸¹ É interessante notar que o étimo sanscrito deste termo, *lakṣa* (que através do prá-crito *lakha* e do neo-árico *lakh*, deu em português *laque*) significa «cem-mil», mas veio a significar em malaio apenas «dez-mil».

409	vinti millia	vinte mil	dualacza	dua laksa	
410	trenta millia	trinta mil	tigalacza	tiga laksa	
411	quaranta millia	quarenta mil	ampatlacza	empat laksa	
412	cinquanta millia	cinquenta mil	limalacza	lima laksa	
413	sesanta millia	sessenta mil	anamlacza	enam laksa	
414	settanta millia	setenta mil	tugulacza	tujuh laksa	
415	octanta millia	oitenta mil	dualapanlacza	delapan laksa	
416	novanta millia	noventa mil	sambilalacza	sembilan laksa	
417	cento mille	cem mil	sacati	seketi (S)	
418	duecento mille	duzentos mil	duacati	dua keti	
419	trecento millia	trezentos mil	tigacati	tiga keti	
420	quattrocento millia	quatrocentos mil	ampatcati	empat keti	
421	cinquecento millia	quinhentos mil	limacati	lima keti	
422	seycento millia	seiscentos mil	ampatcati	enam keti	
423	setecento millia	setecentos mil	tugucati	tujuh keti	
424	octocento millia	oitocentos mil	dualapancati	delapan keti	
425	novecento millia	novecentos mil	sambilancati	sembilan keti	
426	diece fiate cento millia	dez vezes cem mil	saiuta	sejuta (S)	
427	Tucti li cento, li mille, li diece mille, li centi mille et diece fiate cento mille se congiungenno con il numero de satus et dua etc.				
	Todos os centos, mil, dez mil, cem mil e dez vezes cem mil se conjungem com os números <i>satus</i> , <i>dua</i> , etc.				

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELAAR, K. A. (1994). «Malay and Javanese Loan-words in Malgasy, Tagalog and Siraya (Formosa)». *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde*, 150- I, 50-65.
- AMARASINHA (1839 -1845). *Amarasinha, Amarakocha ou Vocabulaire, avec une traduction française par A. Loiseleur Deslongchamps*. Paris: Imprimerie Royale, 2 v.
- ANDILI, A. Bahar (1978-1979). «Profil Daerah Maluku Utara» in E. K. M. Masinambouw, *Halmahera dan Raja Ampat*, vol. 1. *Indonesian Journal of Cultural Studies. Majalah Ilmu-ilmu Sastra Indonesia*, VIII-1, nomor istimewa I [nº especial I], junho 1978/1979 [sic], 3-15.
- BAUSANI, Alessandro (1960). «The First Italian-Malay Vocabulary by Antonio Pigafetta». *East and West*, 11-4, 229-248.

- BEG, M. A. J. (1977). *Arabic Loan-Words in Malay. A Comparative Study*. Kuala Lumpur: University of Malaya Press.
- COROMINAS, Joan; PASCUAL, José A. (1987-1991). *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. Madrid: Gredos, 6 v.
- CORTELAZZO, Manillo; ZOLLI, Paolo (1979). *Dizionario etimologico delle Lingua Italiana*. Bolonha: Zanichelli, 1979, 5 v.
- CRIBB, Robert (2000). *Historical Atlas of Indonesia*. Londres; Singapura: Curzon & New Asian Library.
- DALGADO, Mons. Sebastião Rodolfo (1919-1921). *Glossario Luso-Asiático*. Coimbra: Imprensa da Universidade; Academia das Ciências de Lisboa, 2 v.
- EDWARDS, E. D.; BLAGDEN, C. O. (1931). «A Chinese Vocabulary of Malacca Malay Words and Phrases, collected between A. D. 1403 and 1511». *Bulletin of the School of Oriental Studies*, 6-3, 715-749.
- GONDA, J. (1998). *Sanskrit in Indonesia*. Nova Delhi: International Academy of Indian Culture; Aditya Prakashan
- LOMBARD, Denys; ARIFIN, Winarsih; WIBISONO, Minnie (1970). *Le «Spraeck Ende Woord-Boek» de Frederick de Houtman. Première méthode de malais parlé (fin du XVI^e s.)*. Paris: École Française d'Extrême-Orient.
- LOMBARD, Denys; THOMAZ, Luís Filipe F. R. (1981). «Remarques préliminaires sur un lexique portugais-malais inédit de la Bibliothèque Nationale de Lisbonne». Nigel Phillips; Khaidir Anwar (eds.), *Papers on Indonesian Languages and Literatures*. Londres: School of Oriental and African Studies.
- MUNOZ, Paul Michel (2006). *Early Kingdoms of the Indonesian Archipelago and the Malay Peninsula*. Singapura: Éditions Didier Miller, 236-239.
- POSTMA, Anton (1992). «The Laguna copper-plate inscription», *Philippine Studies*, 40-11, 183-203.
- THOMAZ, Luís Filipe F. R. (1994). «A escravatura em Malaca no século XVI». *Studia*, 53, 253-316.
- THOMAZ, Luís Filipe F. R. (2003). «As cartas malaias de Abu Hayat, sultão de Ternate, a El-Rei de Portugal e os primórdios da presença portuguesa em Maluco». *Anais de História de Além-Mar*, 4, 381-446.
- TRYON, Darrell T. (dir.) (1995). *Comparative Austronesian Dictionary: an introduction to Austronesian studies*. Berlín; Nova York: Moton de Gruyter, 5 v.